

O PROJETO EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS NA CONSTRUÇÃO DE OUTROS IMAGINÁRIOS

Ana Júlia Francisco Floriani
Universidade do Estado de Santa Catarina
ana.floriani@edu.udesc.br

Rafael Fortuna Madruga
Universidade do Estado de Santa Catarina
rafael.madruga99@edu.udesc.br

Isadora de Haro Thomé
Universidade do Estado de Santa Catarina
isadora.thome@edu.udesc.br

Ana Paula Nunes Chaves
Universidade do Estado de Santa Catarina
ana.chaves@udesc.br

Resumo

As imagens, fotografias, pinturas e mapas possuem um forte potencial de fixação em nossas mentes, sendo frequentemente utilizadas para reforçar narrativas sobre histórias, espaços e lugares. Assim, consideramos a potência das imagens como criadoras de mundos e de geografias próprias. Dessa forma, os imaginários geográficos, desenvolvidos a partir de imagens, faz com que visualizemos espaços mesmo sem nunca termos os visitados pessoalmente. Algo semelhante ocorreu conosco em relação à Ilha do Campeche, localizada a 1,5 km da costa leste de Florianópolis e amplamente reconhecida como ponto turístico da cidade. Nesse cenário, marcado pela presença humana e composto por paisagem, cultura e natureza, o projeto Expedições Geográficas desenvolve suas ações no ano de 2025, com a proposta de produção de materiais educativos e com o objetivo de não apenas informar sobre os elementos físicos e culturais da ilha, mas também estimular reflexões sobre o território. Nesse relato de experiência, o nosso objetivo é demonstrar como o Expedições Geográficas, ao produzir materiais educativos voltados à educação em espaços não formais, contribui para a nossa construção de novos imaginários sobre a Ilha do Campeche. O projeto se configura como um dispositivo que amplia o nosso olhar para outros espaços, direcionando nossa mirada para os elementos silenciados nas imagens convencionais, divulgadas nos meios de comunicação.

Palavras-Chave: Imaginário Geográfico; Paisagens educativas; Expedições Geográficas.

Introdução

As imagens são recursos historicamente utilizados para representar múltiplas temáticas e desempenham um papel central na educação geográfica. As imagens colaboram na construção de imaginários geográficos e educam-nos sobre espaços, povos e culturas. Segundo Verónica Hollman (2008), as imagens desempenham um papel central no conhecimento geográfico. A Geografia é constituída por um corpo de imagens que se transformam em um discurso visual

do mundo (Rose, 2013). Dessa forma, os imaginários geográficos, desenvolvidos a partir de imagens, faz com que visualizemos espaços mesmo sem nunca os termos visitado pessoalmente.

Doreen Massey (2017) explica que carregamos conosco imagens mentais do mundo. As fotografias, pinturas, mapas e imagens tem forte potencial de se fixarem em nossas mentes, e são utilizadas para reforçar variadas narrativas a respeito de histórias, relações e lugares. Algo semelhante ocorreu conosco em relação à Ilha do Campeche. Mesmo sendo estudantes de Geografia, ensinados a observar o espaço e todas as suas formas de interação, percebemos que nossas percepções sobre a ilha estavam cristalizadas. As fotografias da paisagem composta por areia branca, água cristalina, céu azul e um paraíso não habitado, eram nossas referências ao pensar a Ilha. A influência das imagens divulgadas em canais de comunicação e redes sociais, nos induziu a encaixar a Ilha do Campeche em um imaginário pré-construído, meramente comercial.

Nesta escrita, buscamos apresentar um relato de experiência sobre a produção dos materiais no âmbito das ações do projeto Expedições Geográficas, bem como sobre as imagens que nos ajudam a pensar e imaginar o lugar. A Ilha do Campeche está localizada a 1,5 km da costa leste de Florianópolis e é amplamente reconhecida como um dos pontos turísticos da cidade. Ao buscar a Ilha em sites e redes sociais, aparecerem imagens que retratam um cenário paradisíaco, com areias brancas, céu azul e águas cristalinas. Assim, a Ilha do Campeche passa a ser promovida por uma série de imagens fotográficas que criam espaços dentro de um imaginário e limitam a ilha apenas a essa representação (Thomé, Policastro, Chaves, 2023).

Para além do turismo e beleza de sua paisagem, a Ilha do Campeche é um território de memória e identidade. A ilha abriga a maior concentração de oficinas líticas e gravuras rupestres em um único sítio arqueológico do litoral brasileiro. Por esse motivo, é reconhecida como Patrimônio Arqueológico e Paisagístico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN). É nesse lugar, marcado pela presença humana e composto por paisagem, cultura e natureza, que o projeto Expedições Geográficas desenvolve suas ações no ano de 2025.

O Expedições Geográficas é um projeto de pesquisa e extensão vinculado ao Programa Geografia, Café e Temas da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), coordenado pela professora Ana Paula Nunes Chaves. O seu objetivo é contribuir com a formação docente, investigando o uso de espaços não formais na educação geográfica. O projeto, em edições anteriores, realizou ações no Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri e no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, que resultou na produção dos materiais educativos: *Paisagens educativas no Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri* (Chaves, 2021) e *Expedições Geográficas: paisagens educativas no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro* (Chaves e Pimenta, 2023). Atualmente, o projeto atua na Ilha do Campeche, com foco na produção de metodologias de ensino e materiais educativos voltados a espaços não formais.

Ao longo do primeiro semestre de 2025, o projeto Expedições Geográficas dedicou-se a elaboração de seis materiais educativos sobre a Ilha do Campeche, atualmente em fase final de desenvolvimento. São eles: um jogo *Dobble*, um catálogo de bolso, três catálogos sobre as trilhas locais e um livro narrativo intitulado *Ilha do Campeche: Paisagem que educa* (Thomé, Chaves, Floriani e Madruga, 2025, no prelo). Para a criação desses materiais, foi realizada pesquisa bibliográfica e trabalho de campo com visita de estudos à ilha. Durante o processo de produção dos materiais, incluindo escolha de imagens e a escrita, percebemos que a nossa

percepção sobre a Ilha do Campeche foi modificada. E é nesse contexto que surgiram as questões norteadoras desse texto.

Ao produzirmos materiais educativos transformamos nosso imaginário em relação à Ilha do Campeche. Passamos a pensar o insular para além da paisagem turística e a observar os detalhes, sons, sentidos e cheiros, elementos ausentes nas imagens geralmente propagadas. Portanto, nosso objetivo, neste breve texto, é demonstrar como o Expedições Geográficas, ao produzir materiais para a educação e pensar a formação docente em espaços não formais de ensino, contribui para a nossa criação de novos imaginários sobre a Ilha do Campeche.

Para tanto, a pesquisa-ação adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e trabalho de campo. Os referenciais utilizados foram os trabalhos de Verónica Hollman (2008), Rose (2013), Doreen Massey (2017) e Chaves (2020), que orientaram as reflexões sobre a criação do imaginário geográfico. Além disso, também foram consultados os estudos de Thomé, Policastro e Chaves (2023), que contribuíram para a compreensão da relação entre o imaginário e a Ilha do Campeche. Assim como o trabalho de Thomé (2024), que auxiliou na percepção da Ilha como espaço educativo e na compreensão dos desdobramentos da educação geográfica em contextos não formais.

Desenvolvimento

Nos estudos geográficos a contextualização espacial e social dos fenômenos é dada, principalmente, pelo visual. O ato de ver permite imaginar paisagens, idealizar lugares e situar um determinado espaço, contexto e momento histórico (Chaves, Xavier, 2025). A cultura visual e sua influência na educação geográfica vão além de uma simples representação do real, pois trata-se de um repertório de imagens e de um conjunto de discursos visuais que nos auxiliam a construir nossas percepções de mundo (Thomé, Policastro, Chaves, 2023). Os registros visuais despertam a imaginação geográfica e nos educam sobre um determinado local, ou seja, o ato de ver também requer imaginação e projeção de imagens sobre aquilo que se observa. (Chaves, Preve, 2022).

Gillian Rose (2013) reflete sobre as imagens como criadoras de mundos e de geografias próprias, destaca que as visualidades aplicadas na produção do conhecimento geográfico não são neutras. Segundo a autora, a escolha das imagens carrega seus próprios focos e destaques e, com isso, também suas limitações e cegueiras. Tais limitações afetam tanto o que está sendo representado quanto aqueles que observam.

Com base nesse breve referencial apresentado, trouxemos a nossa experiência de pesquisa e extensão do projeto Expedições Geográficas, que nos auxiliou a pensar outras imagens da Ilha do Campeche.

O projeto Expedições Geográficas, neste primeiro semestre de 2025, teve como objetivo a produção dos materiais educativos voltados à Ilha do Campeche. A proposta buscou mostrar a ilha para além de um roteiro turístico, compreendendo-a como um espaço de educação não formal. O propósito desses materiais é não apenas informar sobre os elementos físicos e culturais da ilha, mas também estimular reflexões sobre o território. Os materiais produzidos foram: um jogo *Dobble* da Ilha do Campeche; um catálogo de bolso, com informações sobre aspectos geográficos e históricos da ilha; três catálogos de divulgação que apresentam as trilhas locais, como a Trilha do Letreiro, a Pedra Preta do Sul e a Pedra Fincada; e, por fim, um livro

narrativo intitulado *Ilha do Campeche: Paisagem que educa* (Thomé, Chaves, Floriani e Madruga, 2025, no prelo), que apresenta a ilha sob o olhar de um estudante de Geografia.

Para a elaboração dos materiais educativos propostos no projeto Expedições Geográficas, adotou-se uma abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e trabalho de campo. Inicialmente, foram realizadas leituras sobre a Ilha do Campeche e sobre educação geográfica em espaços não formais, com o objetivo de embasar conceitualmente a construção dos materiais. Em seguida, foi realizada a etapa de campo, que incluiu uma visita de estudos à Ilha do Campeche, com o intuito de conhecer, *in loco*, suas trilhas, sítios arqueológicos e dinâmicas de visitação pública.

Entretanto, durante os trabalhos de campo, fomos atravessados por um novo olhar sobre a Ilha do Campeche. As escolhas das imagens que compuseram os materiais nos levaram a refletir sobre o que, até então, estávamos entendendo como ilha. Será que aquele céu azul está realmente presente em todos os momentos? Será que o pescador puxando a rede não faz parte do cotidiano da ilha como as águas cristalinas e paradisíacas?

A produção dos materiais educativos sobre a Ilha do Campeche teve início com a elaboração do conteúdo do catálogo de bolso, momento em que se iniciou o nosso processo de familiarização com a ilha. A consulta aos materiais bibliográficos orientou a produção escrita, que, inicialmente, assumia um caráter informativo. No decorrer do processo, à medida que aprofundamos os saberes sobre a ilha, passamos a incluir informações que qualificaram o material, buscando inserir outras imagens e perspectivas. Foram incorporadas, por exemplo, informações sobre a antiga armação baleeira e os povos antigos que habitaram a região.

Na etapa seguinte, iniciamos à produção do jogo *Dobble*, com a seleção de imagens que representassem a diversidade da Ilha do Campeche. Mais uma vez, buscou-se trazer elementos que vão além do imaginário comum sobre a ilha, frequentemente associada à praia e à areia branca, incluindo imagens dos pescadores artesanais e do tradicional Restaurante do Bacalhau. Os três catálogos informativos sobre as trilhas seguiram a mesma proposta: mostrar que, embora a Ilha do Campeche seja, de fato, um lugar de praias paradisíacas, ela não se resume a isso. Por fim, a produção do livro, *Ilha do Campeche: Paisagem que educa*, buscou apresentar de forma mais sensível a Ilha do Campeche. A escolha por uma narrativa em primeira pessoa, contada por um estudante que visita à ilha, foi pensada como forma de transmitir a ideia de uma vivência real e cotidiana, em que o sujeito encontra personagens que habitam àquele espaço, com suas histórias e experiências.

A produção dos materiais educativos nos fez perceber as cegueiras das imagens que tradicionalmente contam da Ilha do Campeche, não conhecíamos aquilo que está para além do foco turístico, como os monitores conduzindo os visitantes nas trilhas ou os pescadores descarregando os peixes do cerco de pesca. As ausências presentes nas imagens é que, de fato, refletem a complexidade do lugar (Rose, 2013). Perceber essas outras óticas da ilha foi um exercício de observação geográfica para além dos elementos físicos.

As imagens geralmente escolhidas para representar a Ilha do Campeche limitam e restringem a ilha a uma representação exclusivamente praial e paradisíaca. Os focos escolhidos para essas imagens anulam todos os outros elementos existentes ali, e sua repetição contribui para a construção de um imaginário restrito do lugar. Essa dissonância entre o observado e o imaginado revela não apenas a força dos estereótipos geográficos, mas também a necessidade de desnaturalizar nossos olhares.

O projeto Expedições Geográficas defende que a vivência em espaços de educação não formal estimula reflexões sobre aspectos que extrapolam o visual, e contribui para a criação de novos imaginários por parte daqueles que os visitam. Assim, a Ilha do Campeche passa a ser compreendida como uma grande sala de aula, com potencial para desenvolver a educação geográfica e compartilhar um novo olhar sobre suas representações.

Ao promover a produção de materiais educativos em espaços não formais, o projeto expedições geográficas possibilitou que nós, enquanto estudantes e professores de geografia em formação, desenvolvesse outros olhares sobre esses espaços. Essa experiência vai ao encontro do que Chaves (2020) destaca quando fala de como a geografia pode estar comprometida com a desnaturalização das representações e estimular a produção crítica do pensamento sobre os modos de construção e reprodução das imagens.

Conclusão

Vale ressaltar que nosso objetivo neste texto, não foi apresentar ou sinalizar os outros imaginários presentes na Ilha do Campeche, apesar de existirem muitos outros. Mas sim, destacar a importância do projeto Expedições Geográficas como dispositivo para fazer pensar esses lugares (turísticos) de uma outra forma.

A produção dos materiais educativos para a formação docente em espaços não formais, contribuiu para a criação de outros imaginários relacionados à Ilha do Campeche. Esse processo nos levou a perceber as cegueiras das imagens que tradicionalmente representam a Ilha. O projeto Expedições Geográficas propôs, em seus objetivos, ir além de apenas ensinar e demonstrar paisagens. O projeto, ao produzir materiais educativos em espaços não formais, faz com que vivenciamos os conceitos

Além disso, o projeto contribui para a circulação de outros registros, capazes de despertar outros imaginários geográficos sobre os lugares. A presença de imagens que mostram o cotidiano local, presente nos materiais educativos que produzimos, nos educou sobre a Ilha do Campeche.

A cultura visual e sua influência na educação geográfica avança para além de uma simples representação do real, pois trata-se de um repertório de imagens, um conjunto de discursos visuais, que nos auxiliam a construir nossas percepções de mundo. As imagens nos levam a ver o mundo da maneira como ela representa, mas a educação geográfica, deve inquietar nossos modos de mirar para que se possamos ver além do que está posto. Como cita Doreen Massey (2017, p.37) “Um compromisso do geógrafo questionador, então, é evidenciar essas imaginações geográficas e perguntar de onde elas vêm”.

Referências

CHAVES, Ana Paula Nunes. Ensinar geografia é ensinar a ver? Notas de um exercício com imagens em livros didáticos. **Educação Unisinos** (Online), v. 24, p. 1-12, 2020.

CHAVES, Ana Paula Nunes; PREVE, W. S. A ficção da Ilha da Magia: sobre imaginações geográficas de Florianópolis no Brasil Visto de Cima. **Visualidades**, Goiânia, v. 20, p. 1-22, 2022.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

CHAVES, Ana Paula Nunes; XAVIER, Maria Flávia Barbosa. Amazônia em Imagens: NS: sobre uma educação visual pela revista National Geographic. **Interdisciplina** (online) v. 13, p. 67-91, 2025.

HOLLMAN, Verónica. Geografía y cultura visual: Apuntes para la discusión de una agenda de indagación. Estudios Socioterritoriales: **Revista de Geografía**, n. 7, p. 120-135, 2008.

MASSEY, Doreen. A mente geográfica. Dossiê Doreen Massey. **GEOgraphia** – Niterói, RJ, v. 19, n. 40, p. 36-40, 2017.

ROSE, Gillian. Sobre a necessidade de se perguntar de que forma, exatamente, a geografia é visual? **Espaço e Cultura** – UERJ, Rio de Janeiro, n. 33, jan./jun. 2013.

THOMÉ, Isadora de Haro; POLICASTRO, Camila Benatti; CHAVES, Ana Paula Nunes. Ver é enxergar? O imaginário geográfico em fotografias da Ilha do Campeche. In: VII COLÓQUIO INTERNACIONAL: A Educação pelas Imagens e suas Geografias, 2023, Natal. Anais do VII COLÓQUIO INTERNACIONAL: A Educação pelas Imagens e suas Geografias, 2023, Natal: [s.n.].

THOMÉ, Isadora de Haro. **A Ilha do Campeche como espaço não formal de educação geográfica**. Trabalho de Conclusão de Curso. Geografia Licenciatura, UDESC, Florianópolis, SC, 2024.